

O SIMBOLISMO INCONSCIENTE

THE UNCONSCIOUS SYMBOLISM

Jaqueline Feltrin Inada*

Resumo: Este artigo apresenta os conceitos de inconsciente e simbolismo inconsciente em Jean Piaget, confrontando-os com os de Freud. Na teoria psicanalítica, simbolismo refere-se a um comportamento ou pensamento com significado oculto ao sujeito. Piaget critica essa concepção e mostra que o pensamento simbólico forma uma unidade. Não existe um divisor de águas entre o que é consciente e inconsciente. Todo símbolo comporta concomitantemente esses dois atributos. Ao relacioná-los com os conceitos de assimilação e acomodação, Piaget afirma que enquanto o primeiro é inconsciente, o segundo é consciente. Na psicanálise, há simbolismo porque o conteúdo do símbolo é recalcado. Em contraposição a essa idéia, Piaget afirma que a formação do símbolo não pode ser explicada pelo conteúdo, mas sim pela estrutura do pensamento. E mais do que isso: somente torna-se possível com o advento da representação, que ocorre por volta do segundo ano de idade. Uma outra oposição que Piaget mostra em relação a Freud refere-se ao conceito de inconsciente. Na visão piagetiana, o termo inconsciente é empregado apenas como adjetivo, não sendo utilizado, tal como em Freud, para designar um campo ou uma região.

Palavras-chave: Simbolismo inconsciente. Inconsciente. Piaget. Freud.

Abstract: This article shows the concept of unconscious and unconscious symbolism in Jean Piaget, confronting them with Freud`s. In psychoanalytic theory, symbolism refers to a behavior or thought with hidden meaning towards the subject. Piaget criticizes this conception and shows that the symbolic thought forms a unity. There is not a divisor of concepts between conscious and unconscious. Every symbol includes these two attributes simultaneously. By relating them to the concepts of assimilation and accommodation, Piaget affirms that while the first one is unconscious, the second one is conscious. In psychoanalysis, there is symbolism because the content of the symbol is repressed. Opposed to this idea, Piaget says that the shaping of the symbol cannot be explained by the content, but by the structure of thought. And more than that: it only becomes possible with the advent of representation that occurs around the second year of age. Another opposition that Piaget shows in relation to Freud, he refers to the concept of unconscious. In the view of Piaget, the term unconscious is used only as an adjective, so not being used, just like in Freud, to design a field or region.

Keywords: Unconscious symbolism. Unconscious. Piaget. Freud.

* CESUMAR e Faculdade Cidade Verde. jaqfeltrin@hotmail.com

Introdução

Em *A formação do símbolo na criança*, Piaget reserva um capítulo para tratar do simbolismo inconsciente a fim de completar sua pesquisa sobre a gênese do símbolo e da imagem mental. Trata-se do capítulo intitulado como O simbolismo secundário do jogo, o sonho e o simbolismo inconsciente. Pela longa discussão que o tema pode gerar em debate com a psicanálise, já que se trata de sua descoberta fundamental, ou seja, do inconsciente, Piaget deixa claro que o objetivo é apenas dar algumas indicações suficientes para a consecução do propósito geral de sua obra.

Neste artigo, pretendemos extrair de tais indicações o que o autor entende por simbolismo inconsciente e, a partir disso, qual é sua compreensão acerca do inconsciente, recorrendo às concepções freudianas quando se fizer necessário, visto que elas constituem o ponto de partida da crítica de Piaget. Para tanto, desenvolvemos o artigo da seguinte maneira: primeiramente expomos o conceito de simbolismo inconsciente no pensamento de Freud. Posteriormente, apresentamos as críticas que Piaget endereça à concepção freudiana, bem como os méritos que lhe atribui. Por último, tratamos do tema do inconsciente em Freud e em Piaget.

O simbolismo inconsciente segundo Freud

Conceitualmente próximo da definição dada pela escola saussuriana, Piaget afirma que símbolo, no sentido que Freud lhe atribui, refere-se a “[...] uma imagem que comporta uma significação ao mesmo tempo distinta de seu conteúdo imediato e tal que existe semelhança mais ou menos direta entre o significante e o significado”¹. Diferentemente do símbolo consciente, ou seja, aquele que “[...] a significação é transparente para o próprio sujeito [...]”², o símbolo inconsciente ao qual Freud refere-se é “[...] de significação oculta para o próprio sujeito”³.

Laplanche e Pontalis, em *Vocabulário da psicanálise*, escrevem que existe certa dificuldade em delimitar um uso estritamente psicanalítico para o termo simbolismo devido à sua estreita ligação com a teoria freudiana; aos diversos sentidos que são atribuídos às palavras simbólico, simbolizar e simbolização; aos problemas relacionados

¹PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Trad: Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 218.

² *Ibid.*, p. 218.

³ *Ibid.*, p. 218.

à questão do pensamento simbólico; e à dependência que a criação de símbolos tem em relação a diversas disciplinas⁴.

Na tentativa de dar ao leitor algumas orientações, Laplanche e Pontalis distinguem dois sentidos atribuídos ao simbolismo no interior do discurso freudiano: um lato e outro restritivo. Em sentido lato, trata-se de um comportamento ou pensamento que, embora apareça ao sujeito sob determinada forma, seu significado real lhe é oculto. Nas palavras dos autores: “De um modo mais geral, empregamos o termo ‘simbólico’ para designar a relação que une o conteúdo manifesto de um comportamento, de um pensamento, de uma palavra, ao seu sentido latente”⁵. No que diz respeito ao sentido restritivo, Laplanche e Pontalis o diferencia do sentido lato mediante a apresentação de algumas características mais restritas: a) são elementos mudos, incapazes de estabelecer associações com outros elementos; b) tem como essência a relação de um elemento manifesto com outro latente; c) essa relação pode estar baseada na analogia, na alusão ou até mesmo em diversas outras relações; d) tem um campo de manifestação limitado (o corpo, os pais, os parentes, a morte, a nudez e, sobretudo, a sexualidade); e) tem um lugar reservado na teoria dos sonhos, nas produções do inconsciente e na terapêutica psicanalítica (lugar a partir do qual passa a ser qualificado como inconsciente); e f) pode ter uma herança filogenética⁶.

Embora seja possível distinguir na totalidade das obras freudianas duas concepções de simbolismo, isso não significa que são contraditórias. Pelo contrário, complementam-se, na medida em que uma parece esclarecer os pormenores da outra. Visto isso, passemos agora à análise que Piaget faz do simbolismo inconsciente em Freud.

Piaget e Freud: o simbolismo inconsciente

Para abordar o simbolismo inconsciente, Piaget toma como referência o conceito elaborado por Freud, seja para criticá-lo ou para indicar seus méritos. E é mediante esse trabalho que acaba por tecer o que entende por inconsciente. A necessidade de tratar do tema do simbolismo inconsciente advém porque é preciso estender a discussão do jogo simbólico até esse ponto, discussão essa que domina a segunda parte do livro (*A*

⁴ Cf. LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. Trad: Pedro Tamen. 7ª edição. Lisboa: Matins Fontes, 1983, p. 627.

⁵ *Ibid.*, p. 627.

⁶ *Ibid.*, p. 629-639.

formação do símbolo na criança), sendo a primeira dedicada à gênese da imitação. Piaget toma então como ponto de partida o símbolo secundário do jogo, o que acaba por levantar a questão do pensamento simbólico.

Ao tratar do pensamento simbólico, Piaget afirma que ele - em oposição ao raciocínio que utiliza signos - consiste em um pensamento de natureza individual e íntima, que se manifesta no sonho e no devaneio e independe de signos, os quais são coletivos e arbitrados. Enquanto Freud vê no pensamento simbólico raízes inconscientes, Piaget, em oposição a essa idéia, afirma que a existência do jogo de imaginação ou de ficção na criança, chamado de jogo simbólico, é capaz de mostrar que o pensamento simbólico ultrapassa o inconsciente. Piaget explica que, nesse jogo infantil, a distinção entre simbolismo inconsciente e consciente não é clara, tal como no caso de uma personalidade adulta. Prevalece um estado de indiferenciação por ocasião da assimilação do real ao eu. Segundo Piaget:

Supressão da consciência do eu por absorção imaginária total do mundo exterior e, portanto, por confusão com este, tal é o princípio do simbolismo inconsciente e vê-se desde logo que ele constitui um simples caso-limite dessa assimilação do real ao eu que é o simbolismo lúdico⁷.

Mas o que explica então o fato de um símbolo ser incompreendido para o próprio sujeito? A resposta consiste na assimilação total do real ao eu. Nas palavras de Piaget,

O fato geral que explica a incompreensão de um símbolo pelo próprio sujeito e, portanto, o caráter “inconsciente” desse símbolo, é a assimilação egocêntrica levada até a supressão de toda acomodação atual (= de todo contato com a realidade presente) e, assim, igualmente, até a supressão da consciência do eu⁸.

Essa constatação mostra que Piaget não nega a existência de um domínio do jogo oculto para o sujeito. O que ele entende é que não existe um divisor de águas entre os simbolismos inconsciente e consciente, tal como para Freud, visto que o pensamento simbólico forma uma unidade, o que implica na possibilidade de ter como qualidades concomitantes a consciência e a inconsciência. Segundo Piaget,

Todo símbolo é ou pode ser, ao mesmo tempo, primário e secundário, o que quer dizer que ele pode comportar, além de sua significação imediata e compreendida pelo sujeito, significações mais profundas,

⁷ PIAGET, 1975, p. 256.

⁸ *Ibid.*, p. 261.

exatamente como uma idéia, além do que ela implica conscientemente o raciocínio que a utiliza no momento considerado, pode conter uma série de implicações que escapam momentaneamente ou desde longo tempo ou mesmo que escaparam sempre à consciência do sujeito pensante⁹.

Entendendo que entre simbolismo consciente e inconsciente existe uma continuidade, visto que a diferença “[...] não é mais que um caso de gradação ou grau de reflexão”¹⁰, Piaget relaciona ambos os simbolismo com os conceitos de acomodação e de assimilação, respectivamente. Enquanto a acomodação refere-se à adequação da ação ao meio, a assimilação diz respeito à incorporação de novos elementos aos esquemas de ação já formados. Assim sendo, consciente seria o resultado da assimilação e inconsciente o processo a partir do qual ela ocorre. Nas palavras de Piaget: “Se a acomodação do pensamento é em geral consciente, porque a consciência surge por ocasião de obstáculos exteriores ou interiores, a assimilação, mesmo racional, é com mais freqüência inconsciente”¹¹.

Semelhante idéia pode ser encontrada na interpretação que Monzani faz do pensamento de Freud. Para ele, “[...] nós conhecemos os produtos dos processos que se dão no aparelho psíquico. Mas nem os processos nem o aparelho nos são acessíveis e foi necessário todo discurso teórico da Psicanálise para tentar colocá-los a claro”¹². A semelhança reside no fato de Freud (segundo Monzani), assim como Piaget, entender que o resultado do processo é conhecido, ao passo que o processo em si não é, mas pode vir a ser através da terapêutica freudiana.

Segundo Freud, o conteúdo que a psicanálise propõe-se a revelar é oculto para o sujeito devido ao trabalho do recalçamento¹³. Piaget afirma que na teoria psicanalítica “[...] há simbolismo porque o conteúdo dos símbolos é recalçado [...]”¹⁴. Em oposição a essa idéia, ele entende que “[...] não é o conteúdo que explica a formação do símbolo, mas sim a própria estrutura do pensamento do sujeito”¹⁵. Neste sentido, Piaget não atribui ao recalçamento a importância crucial que tem na obra de Freud. O recalçamento

⁹ PIAGET, 1975, p. 222.

¹⁰ Ibid., p. 222.

¹¹ Ibid., p. 221.

¹² MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 239.

¹³ Segundo Laplanche e Pontalis, consiste em uma operação na qual se procura manter as representações, cujos conteúdos são proibidos, no domínio do inconsciente. Para maiores detalhes, ver: LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p. 553-558.

¹⁴ PIAGET, 1975, p. 199.

¹⁵ PIAGET, 1975, p. 200.

regula os esquemas afetivos, fazendo com que o conteúdo do símbolo escape à consciência do sujeito.

Mas qual é então a razão para que certos conteúdos tornem-se ocultos para o próprio sujeito? Piaget escreve: “Numa palavra, a razão geral é que o conteúdo desses símbolos se liga mais diretamente ao eu do sujeito e isso num sentido habitualmente regressivo ou que, pelo menos, atinge esquemas afetivos relativamente permanentes”¹⁶. Trata-se dos desejos secretos, diz Piaget. Para ilustramos esses fatos, citemos um exemplo:

Por que, por exemplo, a criança que não mama há muito tempo encontra prazer em imitar a mamada e em tornar-se de novo um bebê? Os freudianos, que emprestam frequentemente uma memória de adulto à criança de peito (quando não ao feto), respondem que ela permanece fixada à lembrança do seio materno, sobretudo se dele foi separada brutalmente por um desmame inábil. Pondo-se de lado a memória, há sem dúvida qualquer coisa de certo nesta idéia, dada a importância por longo tempo central do esquema da sucção. A ela se acrescenta o fato de que, facilmente ciumenta dos cuidados concedidos ao recém-vindo, a criança pode desejar brincar de bebê para ser objeto da mesma ternura¹⁷.

Assim sendo, conferir à criança ou até mesmo ao feto a memória de um adulto, na tentativa de explicar os símbolos mais ocultos, afirmando que determinada atitude está vinculada à fixação em uma lembrança ocorrida na tenra idade, só pode culminar em um equívoco. A representação só tem início no segundo ano de vida. Nesse sentido, não se pode falar em simbolismo antes que ela apareça. Segundo Piaget: “[...] apesar dos freudianos, que vêem símbolos assim já aos dois meses de idade [...] parece-nos difícil falar de simbolismo, de consciência do ‘como se’, antes que haja representação”¹⁸. Semelhante situação repete-se no caso da decifração dos sonhos. Para Piaget, eles somente podem ser decifrados com o aparecimento da linguagem, o que ocorre por volta dos dois anos. O autor afirma que “Os primeiros sonhos incontestáveis apareceram em nossos sujeitos entre 1;9 e 2 anos, com a criança falando então ao dormir e contando o sonho ao despertar”¹⁹.

Na tentativa de retomar o que vimos até agora, vejamos um trecho no qual Piaget sintetiza sua concepção de simbolismo inconsciente.

¹⁶ Ibid., p. 224.

¹⁷ Ibid., p. 225.

¹⁸ Ibid., p. 212.

¹⁹ Ibid., p. 227.

Em resumo, o símbolo inconsciente é uma imagem cujo conteúdo é assimilado aos desejos ou às impressões do sujeito e cuja significação permanece sem ser compreendida por ele. Ora, a imagem se explica pelas acomodações anteriores do sujeito; a assimilação do real ao eu, precedendo a acomodação atual, é comum aos simbolismos onírico e lúdico e o caráter inconsciente do símbolo provém inteiramente desse primado da assimilação, que, indo até o afastamento de qualquer acomodação atual, exclui por isso mesmo a consciência do eu e a tomada de consciência dos mecanismos assimiladores²⁰.

Mas Piaget não só critica Freud. Ele também aponta seus méritos. Vejamos:

Os dois fatos fundamentais descobertos pelo freudismo são, o primeiro, que a afetividade infantil passa por fases bem caracterizadas, e o outro, que existe uma continuidade subjacente, ou seja, que em cada nível o sujeito assimila inconscientemente as situações afetivas atuais às anteriores e mesmo às mais antigas²¹.

Com este parágrafo, Piaget refere-se ao desenvolvimento afetivo segundo Freud, ou em termos psicanalíticos, às fases do desenvolvimento da energia sexual, isto é, da libido. Trata-se, de forma geral, das seguintes: oral, anal, fálica e genital (estas duas últimas separadas pelo período de latência). Entre essas fases, Freud pressupõe que existe uma continuidade e que uma vivência anterior permanece no psiquismo do sujeito de tal forma que acaba influenciando e, muitas vezes, determinando as outras fases.

Piaget, que tem como foco de estudo o desenvolvimento cognitivo, entende que este é paralelo ao desenvolvimento afetivo. Aos olhos do autor, “A inteligência passa também por fases e elas correspondem mesmo, em suas grandes linhas, às do desenvolvimento afetivo”²². E mais do isso: existe uma interdependência entre ambos os desenvolvimentos. De acordo com Piaget, “A vida afetiva, como a vida intelectual, é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura”²³.

O inconsciente em questão

²⁰ PIAGET, 1975, p. 264.

²¹ *Ibid.*, p. 237.

²² *Ibid.*, p. 238.

²³ *Ibid.*, p. 265.

Visto algumas críticas que Piaget endereça a Freud no que diz respeito ao simbolismo inconsciente, assim como os méritos que lhe atribui, procuramos agora apresentar, a partir disso, qual é a concepção piagetiana acerca do inconsciente propriamente dito em contraposição ao conceito de Freud, fonte a partir da qual é elaborada.

Laplanche e Pontalis explicam que Freud usa o termo inconsciente tanto como adjetivo, quanto como substantivo. Vejamos:

O adjetivo inconsciente é por vezes usado para exprimir o conjunto dos conteúdos não presentes no campo actual da consciência, isto num sentido “descritivo” e não “tópico”, quer dizer, sem se fazer discriminação entre os conteúdos dos sistemas pré-consciente e inconsciente.

No sentido “tópico”, inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro da sua primeira teoria do aparelho psíquico: é constituído por conteúdos recalcados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente pela ação do recalçamento²⁴.

De forma geral, enquanto inconsciente como adjetivo é usado para qualificar conteúdos que não estão presentes da consciência, inconsciente como substantivo trata-se de um sistema que comporta representações desligadas dos afetos²⁵. No artigo de 1915, denominado *O Inconsciente*, Freud afirma que “O inconsciente abrange, por um lado, atos que são meramente latentes, temporariamente inconscientes, mas que em nenhum outro aspecto diferem dos atos conscientes, e, por outro lado, abrange processos tais como os reprimidos [...]”²⁶. Monzani explica que, nesse artigo, o inconsciente “[...] é composto basicamente por representações num sentido largo, que se subdividiriam em dois grupos principais: dos representantes pulsionais e dos representantes daquilo que é enviado para o inconsciente através do processo de recalque”²⁷. Entretanto, Laplanche e Pontalis afirmam que na segunda tópica Freud usa mais o termo inconsciente para qualificar determinados processos e elementos. Nas

²⁴ LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p. 306.

²⁵ Monzani explica que quando um conteúdo é recalcado, a representação e o afeto, originalmente vinculados, são desligados. Enquanto a representação passa a pertencer ao campo do inconsciente, o afeto fica livre, podendo se desestruturar na forma de angústia. Esta, por sua vez, tende a se ligar a uma outra representação, o que acaba por lhe dar um outro modo de expressão. Para maiores detalhes, ver MONZANI, 1989, p. 215. Lembremos, só para citar um exemplo, o caso de Hans. O medo de cavalos advém da ligação estabelecida entre um afeto (que originalmente esteve vinculado a uma representação relacionada à figura paterna) e a representação de um cavalo que a criança havia visto na rua.

²⁶ FREUD, Sigmund. O inconsciente. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XIV (1914-1916). Trad: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 198.

²⁷ MONZANI, Op. cit., p. 257.

palavras dos autores: “No quadro da segunda tópica freudiana, o termo inconsciente é sobretudo usado na sua forma adjectiva; efectivamente, inconsciente deixa de ser o que é próprio de uma instância especial, visto que qualifica o id e, em parte, o ego e o superego”²⁸.

Diferentemente de Freud que, como vimos, compreende o inconsciente como adjetivo e substantivo, Piaget o concebe apenas como adjetivo. Assim sendo, o termo inconsciente não serve para designar um campo ou uma região, mas sim para qualificar processos, tais como o simbolismo, o qual não tem a inconsciência como um adjetivo singular e imutável, uma vez que também pode ser consciente. Nas palavras de Piaget: “O inconsciente, portanto, não é uma região isolada do espírito, porque todo processo psíquico marca uma passagem contínua e ininterrupta do inconsciente à consciência e vice-versa”²⁹.

Considerações finais

Embora Piaget tome como foco de estudo o desenvolvimento humano em sua dimensão intelectual, em um determinado momento de sua análise acerca da formação do símbolo ele tem a necessidade de abordar o simbolismo inconsciente, no sentido psicanalítico do termo, quer dizer, no campo dos afetos. Nessa abordagem, ele não só critica Freud, como também reconhece seus méritos, encontrando até pontos de convergência entre seus pensamentos. As críticas dirigem-se, sobretudo, ao fato de Freud atribuir à criança capacidades que, para Piaget, ainda não tem devido ao nível de desenvolvimento no qual se encontra. Em relação aos méritos, Piaget sublinha a questão das fases do desenvolvimento afetivo (oral, anal, fálica e genital) e da continuidade existente entre elas.

A partir de tais análises, o autor parece construir uma concepção própria de simbolismo inconsciente. Com efeito, existem símbolos que são ocultos ao próprio sujeito, mas que, nem por isso, são completamente inconscientes, visto que podem ser, ao mesmo tempo, conscientes e inconscientes, na medida em que formam uma unidade. Versando sobre a questão do simbolismo inconsciente, Piaget acaba por desenvolver uma outra concepção de inconsciente. Se Freud concebe o inconsciente como

²⁸ LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p. 306.

²⁹ PIAGET, 1975, p. 221.

substantivo e adjetivo, Piaget o usa apenas para qualificar determinando processos, portanto, apenas como adjetivo.

Referências:

- FREUD, Sigmund. O inconsciente. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XIV (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. 7. ed. Lisboa: Matins Fontes, 1983.
- MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora UNICAMP, 1989.
- PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

Artigo recebido em: 15/03/11
Aceito em: 18/07/11